



ISSN Eletrônico: **2525-5908**
ISSN Impresso: **1807-9660**

revista.farol.edu.br
Vol. 20, Nº 20. 2023 - dezembro

Contato: revista@farol.edu.br

**A AUTOAPRENDIZAGEM COMO PROCESSO DE AJUSTE SOCIAL E COMO
PROMOTORA DE CONHECIMENTO ÚTIL À VIDA PRÁTICA DO ESTUDANTE**

Fabio Alves Jorge

A AUTOAPRENDIZAGEM COMO PROCESSO DE AJUSTE SOCIAL E COMO PROMOTORA DE CONHECIMENTO ÚTIL À VIDA PRÁTICA DO ESTUDANTE

Fabio Alves Jorge¹

Resumo: A educação é um processo complexo e em constante evolução, exigindo que os educadores se adaptem às necessidades dos alunos em constante mudança. Nesse contexto, a abordagem de ensino centrada no aluno, que enfatiza a importância da autoaprendizagem, tem emergido como uma alternativa eficaz ao modelo de ensino tradicional. Essa abordagem está fundamentada nas teorias de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Jean Piaget, que defendem a aprendizagem como um processo ativo e socialmente construído. Neste artigo, abordaremos a interseção teórica desses três autores, direcionando nosso foco para a autoaprendizagem como um modelo de ensino emergente. Nossa análise apontará para a necessidade de uma educação que não apenas forneça conhecimentos, mas que também permita aos alunos desenvolver habilidades de autoaprendizagem, que serão fundamentais em suas jornadas de aprendizagem ao longo da vida.

Palavras chaves: Autoaprendizagem; Metodologias Emergentes de Ensino; Processos de Aprendizagens.

SELF-LEARNING AS A SOCIAL ADJUSTMENT PROCESS AND AS A PROMOTER OF USEFUL KNOWLEDGE FOR THE STUDENT'S PRACTICAL LIFE

Abstract: Education is a complex and constantly evolving process, requiring educators to adapt to the changing needs of students. In this context, the student-centered teaching approach, which emphasizes the importance of self-learning, has emerged as an effective alternative to the traditional teaching model. This approach is based on the theories of Paulo Freire, Lev Vygotsky and Jean Piaget, who defend learning as an active and socially constructed process. In this article, we will address the theoretical intersection of these three authors, directing our focus to self-learning as an emerging teaching model. Our analysis will point to the need for an education that not only provides knowledge, but also allows students to develop self-learning skills, which will be fundamental in their lifelong learning journeys.

Keywords: Self-learning; Emerging Teaching Methodologies; Learning Processes.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2015, ao assumir um cargo de concurso público na área da construção civil fui abordado por um servidor público de carreira da mesma área e cargo que o meu próximo de completar 30 anos de exercício para ser parabenizado por ter a mesma profissão que ele mesmo sendo, segundo ele, tão jovem para se aventurar nesta área que até pouco tempo só se dava credibilidade para pessoas mais velhas. Agradei-o pela recepção e disse-lhe que o conhecimento que me permitiu ser aprovado em todas as fases do concurso – teórica e prática – para aquele cargo é resultado de uma inquietação particular que tenho em relação ao mundo no qual estou inserido, inquietação esta que no senso comum é posta como curiosidade. Esse

¹ Licenciado em História pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – Unir. Especialista em História da Amazônia com Ênfase em História de Rondônia pela Faculdade de Rolim de Moura – FAROL e especialista em Ciências Políticas pela Faculdade Única de Ipatinga. Mestrando em Educação pela Faculdade Del Atlântico – UNEATLANTICO (Espanha). Professor Efetivo de História na Rede Pública Municipal de Ensino de Jí-Paraná/RO.

breve diálogo em muito contribuiu para que mais tarde eu pudesse melhor compreender como se produz conhecimento útil à vida prática do ser humano.

Todo conhecimento fundamenta-se numa inquietação e, é por ela conduzida até sua fase de consolidação primária, ou seja, até o momento de contentamento pessoal do indivíduo para com àquele “desajuste” que o envolvia na busca de melhor compreender seu espaço-mundo. Nenhum conhecimento é estático e finalizado por si só, pois a busca por conhecimento é um processo dinâmico que desencadeia no indivíduo a busca de melhor compreender o mundo que o cerca. Com isto, percebe-se que ver não é conhecer, mas é ponto partida para o conhecimento. Conhecimento é o domínio de aplicação metódica e acesso à informação em momento oportuno; é, portanto, o elo portador de sentido entre o sujeito e sua concepção de mundo.

A partir dessa perspectiva, o aprendizado se torna fundamental para o desenvolvimento contínuo do ser humano. Porém, por muito tempo não houve para o sujeito comum uma clareza conceitual entre aprendizagem, ensino e instrução. Isto provocou por um longo período equívocos interpretativos em relação à diferença entre educação e ensino. Ambos estão diretamente ligados ao conceito de aprendizagem, contudo, o conceito de educação reflete a ânsia individual de um conhecimento emancipador, onde o estudante agrega significado holístico a sua existência, já o conceito de ensino está mais vinculado as situações mais sistêmicas dentro de uma sociedade, no qual o sujeito está condicionado às instituições específicas socialmente construídas para esta finalidade. Hoje, o que se procura promover nas instituições de ensino é a construção de uma forma de promoção do conhecimento em instituições oficiais de ensino a partir do ponto de tangência entre essas duas concepções, onde o conhecimento possa ser alcançado não puramente formativo, mas também carregado de validade para a vida prática do sujeito em todas as esferas que o envolvem. Porém, como destaca Freire (1996, p.47), “estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las”, destarte, o paradigma tradicional de ensino necessita aos poucos sendo revisto no intuito de substituir a “educação bancária” por uma educação mais participativa do ponto de vista do envolvimento do sujeito aprendiz.

Nesse sentido, a autoaprendizagem se apresenta como um processo importante para a construção do conhecimento, permitindo ao indivíduo a apropriação autônoma e independente de informações e habilidades. Neste cenário, é possível compreender o interesse em aprender

coisas novas como uma necessidade intrínseca do ser humano em busca de desenvolvimento e evolução, sendo este processo mediado pela interação com o mundo e com as pessoas.

Para Vygotsky (1978), a autoaprendizagem é resultado da interação social, no qual as pessoas aprendem uns com os outros, compartilhando conhecimentos, valores e habilidades. Nesta perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem se configura como uma relação dinâmica entre professor e estudante, no qual o próprio estudante tem papel fundamental na construção do conhecimento pertinente a sua realidade social, através da autoaprendizagem.

Já para Piaget (1973), a autoaprendizagem é resultado da interação entre a pessoa e o meio ambiente. Nesta perspectiva, o interesse em assimilar novas habilidades e domínios é uma necessidade intrínseca do ser humano em se adaptar e ajustar ao ambiente. A autoaprendizagem permite ao indivíduo satisfazer esta necessidade de forma autônoma e independente.

Freire, por sua vez destaca a participação ativa do indivíduo no processo de ensino-aprendizagem como elemento chave para a autoaprendizagem. Quanto mais o aluno se envolve e se interessa pelo aprendizado, mais ele se torna apto a buscar, identificar e aproveitar as oportunidades de aprendizagem.

Em tese, as teorias educacionais emergentes enfatizam a autoaprendizagem como um processo no qual o indivíduo é o protagonista de sua própria aprendizagem, buscando, identificando e aproveitando oportunidades de aprendizagem a partir da interação com o ambiente que o envolve, as pessoas e da participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o estímulo à autoaprendizagem é essencial para o desenvolvimento contínuo do ser humano e sua adaptação ao mundo em constante transformação, “atualmente, percebemos que o mundo, as tecnologias e os instrumentos mudam rapidamente. É, portanto, pertinente pensar que os adultos se desenvolvem ao longo de toda sua vida” (GROSSI, 2003, p.21).

O processo de geração de conhecimento é fundamental para a promoção da felicidade e satisfação pessoal do ser humano, o que o torna diretamente associado ao princípio gerador de satisfação pessoal/social. A aprendizagem como resultado da interação entre o indivíduo e o meio ambiente associa-se ao interesse particular em aprender coisas novas para a autocompreensão enquanto sujeito social ativo. O indivíduo possui um constante desejo de compreender o mundo no qual está inserido, e a autoaprendizagem tende a atender esta necessidade, pois as escolhas acerca do que aprender partem do próprio indivíduo. Nessa

trajetória, concerne ao indivíduo descobrir qual o tipo de aprendizagem produz-lhe resultados mais satisfatórios para a geração de conhecimentos significativos e relevantes para si. Cabe salientar que esta escolha depende das particularidades de cada sujeito e está sob influência de diversos fatores, podendo ele valer-se de uma única estratégia de aprendizagem ou de uma combinação destas. No campo da metacognição, cada indivíduo organiza as variantes do processo de aprendizado de modo personalizado alinhados aos seus objetivos, não sendo, portanto, um processo lógico-linear (GROSSI, 2003).

A autoaprendizagem é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem ao passo que capacita o educando para que desenvolva suas habilidades de maneira autônoma, a partir de suas próprias experiências e reflexões, pois “quando aprendemos alguma coisa nova, temos de nos apoiar em conhecimentos anteriores, embora, às vezes, eles se tornem obstáculo para novos conhecimentos” (GROSSI, 2003, p.58). Contudo, o processo de ensino-aprendizagem deve ser visto como uma troca de conhecimentos e experiências entre professor e aluno, visando à construção de conhecimentos significativos e relevantes para a vida do aluno. Aprender, portanto, é uma exigência social, que permite ao ser humano estabelecer relações de uma posição privilegiada sob a natureza e sob seus pares.

A necessidade de adquirir novas habilidades e conhecimentos é uma constante na vida do ser humano, uma vez que isso pode tornar a luta pela sobrevivência menos penosa e mais carregada de sentido. Neste sentido, é importante ressaltar que esta dinâmica é universal e não característica de uma única sociedade ou indivíduo de forma isolada. Destarte, a busca por conhecimento consiste em um pressuposto antropológico universal. Assim, podemos entender que a busca pelo conhecimento é uma característica intrínseca de todos os seres humanos, uma vez que o aprendizado está diretamente ligado à nossa capacidade de nos adaptarmos às mudanças e às demandas da vida em sociedade. De acordo com Freire (1987), essa necessidade de aprender coisas novas está diretamente relacionada à participação ativa do indivíduo no processo de ensino-aprendizagem e é por ela aguçada à medida que o estudante se envolve ativamente no processo.

Para que a aprendizagem seja efetivamente significativa e relevante para a vida do estudante, é fundamental que o processo de ensino-aprendizagem seja visto como um processo de troca de conhecimentos e experiências entre professor e aluno, não como um processo de transmissão de algo pronto e acabado, “Toda vivência humana acontece em conversas e é nesse espaço que se cria a realidade em que vivemos.” (MATURANA &

VARELA, 1995, p. 9). Assim, o estudante possui o posicionamento ativo neste processo, pois é por meio de sua participação que possibilita a construção de conhecimentos significativos e relevantes para sua vida, “então, como vocês vêem, não é suficiente escolher uma situação, mas é preciso que em seguida o aluno reconheça naquela situação algo que faça sentido para ele, ou seja, que identifique objetivos nela” (GROSSI, 2003, p.45). A ação docente de subsidiar o indivíduo no processo de aprendizagem concebe-se como um processo recíproco, visto que esta ação se configura por meio da troca de experiências entre dois ou mais seres sociais em constantes transformações, cujo sistema também necessita de permanentes atualizações.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A percepção do objeto como introdução ao processo de aprendizagem

A demanda por conhecimento é uma característica inerente ao ser humano desde os primórdios da história. “O homem lançou-se ao domínio da natureza desenvolvendo técnicas, artes, estudos – matemática, astronomia, ciências físicas, geografia, medicina, biologia” [...] (GADOTTI, 2003, p.76). Desde então, a humanidade vem empreendendo esforços para compreender o mundo ao seu redor, para desenvolver habilidades e também para aprimorar seu desempenho em diversas áreas do conhecimento. Neste sentido, é fundamental compreender o conhecimento como um processo dinâmico, contínuo e inesgotável, carente de constantes atualizações. Perceber essa dinamicidade humana em relação a construção de conhecimento e as implicações que dela decorrem para a vida prática do sujeito é fundamental para melhor projetarmos um modelo de ensino cada vez mais eficiente, pois [...] “para ler a experiência é preciso estar armado de um mínimo de teorização, porque quando lemos a experiência não lemos tudo, temos de fazer escolhas” (GROSSI, 2003, p.55). A conversão de experiências em conhecimentos úteis à vida prática do sujeito está condicionada aos princípios de seleção e categorização e, são transmitidas entre os diversos sujeitos sociais por meio da teorização:

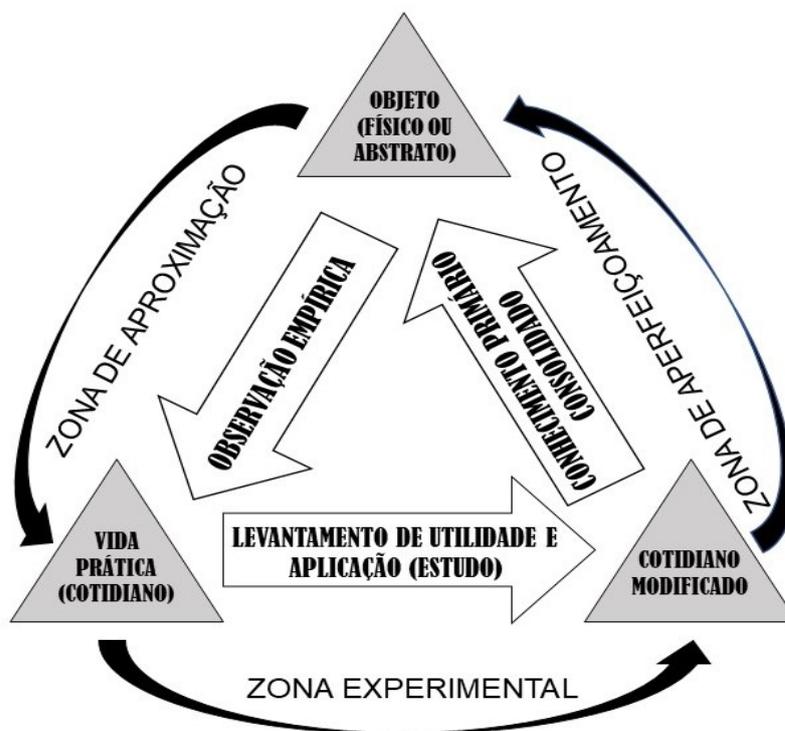
O grande psicólogo inglês Bartler dava um exemplo do qual gosto muito e que é o seguinte: três pessoas passeiam na montanha, o primeiro é geólogo, o segundo, botânico e o terceiro, um pintor. Os três vêem a mesma coisa, mas, segundo Bartler, obviamente, isso não acontece, porque a visão de cada um deles é singular, à medida

que o interesse de cada um é bastante diferente. Em outros termos, a percepção é uma categorização² (GROSSI, 2003, p.55).

Portanto, as escolhas sobre o que aprender, como aprender e para que aprender é algo consiste numa decisão particular e restrita do sujeito, devendo este então organizar-se de forma que melhor o aproxime de seus objetivos e aspirações.

Para que melhor se compreenda o raciocínio estabelecido até este ponto, analisar-se-á os componentes processuais que compõem a figura abaixo, dada como um esboço hipotético-dedutivo do caminho percorrido pelo sujeito/estudante para construção do conhecimento a partir de sua concepção de mundo, considerando para isso sua participação ativa no processo.

FIGURA 1: Práxis geracional do conhecimento promovido pela autoaprendizagem



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Na figura apresentada acima estão representados os elementos que compõem o processo de aprendizagem, estruturada de forma a constituir um processo cíclico, contínuo e inesgotável, que procura ampliar as possibilidades ao indivíduo para uma compreensão mais consistente do seu espaço-mundo. Tal organização processual surge da intelecção da

² Grifo do autor.

emergência de uma reestruturação organizacional das instituições de ensino elucidadas a partir das discussões teóricas levantadas no decorrer do século XX e momentos posteriores:

A teoria e a prática escolanovistas se disseminaram em muitas partes do mundo, fruto certamente de uma renovação geral que valorizava a autoformação e a atividade espontânea da criança. A teoria da Escola nova propunha que a educação fosse instigadora da mudança social e, ao mesmo tempo, se transformasse porque a sociedade estava em mudança (GADOTTI, 2003, p.142).

É importante destacar que o conhecimento sobre um determinado assunto ou objeto não se esgota em si mesmo, o que corrobora com o entendimento de que a construção de significado para a inquietação geradora do processo de aprendizagem se consolida à medida que novos questionamentos surgem e envolvem no desvendamento de outros questionamentos insurgentes das demandas sociais. Desta forma, é possível afirmar que a autoaprendizagem é uma importante estratégia de aprendizagem, uma vez que permite que o educando se comportar de forma autônoma e espontânea, ampliando a capacidade de compreender e refletir sobre o conhecimento adquirido e assim construir sua própria compreensão atualizada do mundo que o envolve.

A práxis geradora do conhecimento inicia-se por meio de uma aversão entre o que se tem de conhecimento transposto (experiência³) e a novidade que se apresenta no campo sensitivo-perceptivo do sujeito, disposto na figura 1 como **objeto⁴ (físico ou abstrato)**. Tal estranhamento suscita no indivíduo uma inquietação e é por meio desta que o processo se inicia. Como defendido por Carrasco (2012), o conhecimento provém da capacidade cognitiva de transformar observação em experiência.

A concepção da inquietação como princípio gerador da aprendizagem fundamenta-se no fato do ser humano estar inserido desde o nascimento até sua morte em um ambiente dinâmico e em constantes transformações. Cada aprendizagem consolidada passa a fazer parte de sua vida prática, auxiliando-o na compreensão do mundo no qual está inserido, “a verdade é que a experiência tem indiscutivelmente um papel relevante para as aprendizagens” (GROSSI, 2003, p.44). A aprendizagem consolidada é adicionada ao repertório de experiências acessíveis do indivíduo que, quando exigido por alguma situação prática, o

³Experiência aqui é entendido conhecimento adaptado no qual o indivíduo apresenta satisfatório grau de domínio do processo de re(produção) deste.

⁴Aqui compreendido como algo físico ou abstrato, podendo ser um conceito, produto ou ideia até então desconhecido para o estudante e alheio à sua concepção de mundo.

revisita para solucionar a situação em questão. Desta forma, as experiências servem como âncoras para novas aprendizagens.

Assim, quando uma dada situação (novidade) exige do ser sujeito algum conhecimento específico do qual ele não possui, desencadeia em si um sentimento de desajuste social-ambiental. É exatamente esse sentimento que o lançará na busca de melhor compreender aquela situação dentro do seu espaço-mundo. Nessa linhagem, cabe enfatizar que o interesse em aprender coisas novas depreende-se de uma necessidade intrínseca do ser humano de desenvolvimento e evolução⁵. Esta necessidade de ajuste social-ambiental consiste no que Koselleck (2002) coloca como a relação entre o espaço de experiência e horizonte de expectativa do indivíduo, ou seja, o agir humano entre a realidade posta e como o sujeito se projeta para o futuro a partir desta realidade.

Cada indivíduo em processo de aprendizagem realiza suas escolhas e seleções para a compreensão do mundo a partir da realidade sensível que lhe é apresentada, tendo como contrapartida a carga experiencial já existente em seu repertório. Nesse sentido, a figura 1 ilustra a acessibilidade a um objeto socialmente disponível; mas é importante destacar que os sentimentos individuais acerca dessa novidade serão múltiplos, uma vez que cada indivíduo constrói o sentido e a aplicação para objeto que lhe seja apresentado de acordo com sua realidade social. Esse estranhamento é a força motriz do processo de aprendizagem, permitindo que diversos caminhos sejam percorridos para se chegar ao resultado desejado, assim como são múltiplas as possibilidades de interpretações para com este objeto.

O ensino formal visto a partir da lógica de um novo paradigma, na lógica processual representada na figura 1, possui a função mestra de orientação entre a realidade sensível observada e a interpretação dessa realidade pelo sujeito, sendo fundamental o encorajamento do educando para a construção de seu próprio conhecimento e sua aplicação para a vida prática.

O suíço EDOUARD CLAPARÈDE (1873-1940) preferiu dar à escola ativa outro nome: *educação funcional*. Ele explicava que a mera atividade não era suficiente para explicar a ação humana. Atividade educativa era só aquela que correspondia uma *função vital* do homem. Nem toda atividade se adequaria a todos. A atividade deveria ser individualizada – sem ser individualista – e, ao mesmo tempo, social e socializadora (GADOTTI, 2003, p.147).

⁵Aqui entendido como alteração de estado.

Portanto, a aprendizagem é um processo inesgotável em si mesmo, pois se define de maneira dinâmica, assim como a própria humanidade e possui função vital de atribuição de sentido social ao sujeito aprendiz.

2.2 Saindo do anonimato: a validação da intimidade entre as partes

Avançando na leitura interpretativa dos elementos que compõem a figura 1, encontramos etapa 2 do processo de aprendizagem, caracterizada pelo campo de aprendizagem de alinhamento e aplicação do objeto em estudo à vida prática do estudante, apresentada na referida figura como **Vida Prática (Cotidiano)**. Esta etapa consiste na construção de sentido para a aplicação prática do conhecimento em produção para a concepção de mundo do estudante e, depende de um esforço direcionado à legitimação do objeto enquanto componente de melhoramento e bem-estar social (adequação social). Nenhum indivíduo está disposto a participar de algo que não lhe traga benefícios próprios e, de preferência, imediatos ou a curto prazo, pois “se o desenvolvimento do conhecimento não é linear, a organização das situações também não é estritamente linear” (GROSSI, 2003, p.40). Existe, por questões lógicas para o estudante, uma correlação preexistente entre o que se procura aprender e algum conhecimento que ele já domina, não se tratando, porém, de mero aperfeiçoamento ou desenvolvimento linear.

Nesta fase, a heurística permite a situação espaço-temporal do objeto à realidade do estudante, que por meio de questionamentos e organização das ideias vai elaborando respostas condizentes aos objetivos preestabelecidos, de modo que a inquietação inicial em relação ao objeto de estudo vai gradativamente sendo substituída por sua aceitação e compreensão dentro do seu sistema-mundo. Esta fase da práxis geracional do conhecimento por meio da autoaprendizagem pode ser definida como a etapa de construção de significados e pode ser tratado pelo docente como um elemento transitório a ser explorado dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal⁶ (ZDP), tendo em vista o trabalho pedagógico de troca de informações importantes para o estudante em relação ao objeto em estudo. "O nível real de desenvolvimento mental de uma criança é determinado pela solução independente de problemas sob a orientação do adulto ou em colaboração com outros pares mais capazes"

⁶ Conceito introduzido pelo psicólogo russo Lev Vygotsky, que se refere à distância entre o nível de desenvolvimento atual de uma pessoa e o nível de desenvolvimento que ela pode atingir com a ajuda de um adulto ou de um colega mais experiente.

(VYGOTSKY, 1978, p. 86). De acordo com Vygotsky, o papel do adulto ou do colega mais experiente é fornecer suporte e orientação para a criança ou o aprendiz, ajudando-o a alcançar níveis mais complexos de aprendizagem e desenvolvimento. Por meio da interação social e do diálogo, o adulto ou colega mais experiente auxilia o estudante a desenvolver novos conhecimentos e habilidades, permitindo-lhe avançar na sua ZDP.

A dinamicidade e a velocidade com que novas informações são adicionadas nesta etapa do processo provoca um dispêndio muito grande para o estudante organizar, filtrar, reorganizar e definir a validade ou não para o que se pretende produzir a partir daquele objeto dentro do seu espaço-mundo, já que “para fazer bem alguma coisa é preciso que haja uma cognição e também uma reflexão sobre esse sucesso que desejamos obter” (GROSSI, 2003, p.25). Esta é a razão de inclinarmos mais para a aprendizagem de algo semelhante ao que já temos algum conhecimento prévio, pela facilidade de encontramos em nosso repertório experiencial elementos de conhecimentos anteriores que permite-nos aceitar com maior facilidade esta nova aprendizagem com menor dispêndio e confusão mental.

Como na representação de uma escala numérica no plano cartesiano, onde há intervalos entre um ponto e outro, no esquema representado na figura 1 também temos um intervalo espaço-temporal-cognitivo que podemos denominar de **zona de aproximação**. A zona de aproximação é o campo de aprendizagem transitória que viabiliza as condições necessárias para que o estudante tenha os primeiros avanços de aceitabilidade para com seu objeto de estudo. Nesta etapa, os resultados serão mais consistentes e menos dispendioso ao estudante se mediado por alguém que já tenha maior domínio do objeto de estudo, postura que pode ser assumida com maestria pelo docente, na lógica de ensino direcionado para a autoaprendizagem, pois “ensinar é uma prática cultural e alterar questões culturais não é um processo simples, nem tampouco fácil” (LIMA & COSME, 2018, p.70).

Auferido o objetivo de provocar no estudante o encorajamento de perceber o objeto de estudo como algo existente em seu mundo e necessário para sua compreensão enquanto sujeito social, os avanços na aprendizagem já terão clara notoriedade, assim, a etapa 2 atinge seu ápice e o conhecimento já se encontrará bastante amadurecido para ser aplicado à vida útil do estudante. Feito isto, avança-se agora para a terceira e última etapa descrita na figura 1, a etapa de amadurecimento em busca de aplicação do conhecimento recém adquirido.

2.3 Quem não registra não é dono: a apropriação do conhecimento e o registro no repertório de experiências

Para que se compreenda o caminho percorrido na produção de conhecimento carregado de sentido para o estudante, precisamos considerar que o objeto de estudo passará da fase do anonimato (alheio à sua realidade) ao necessário (útil a compreensão de mundo) para o sujeito aprendiz, que levará tal objeto do porão ao sótão⁷ no sistema-mundo do estudante. Diferente do modelo clássico de ensino, descrito por Freire como educação bancária, o ensino desenvolvido pela perspectiva da autoaprendizagem possui como premissa a respeitabilidade para com as particularidades de cada estudante em seu processo de aprendizagem, tal como:

Neste paradigma emergente, aprender é como construir saberes, isto é, um processo em que os alunos se apropriam de uma parcela do patrimônio cultural disponível, cuja importância é reconhecida, e o partilham, usam e recriam. Embora cientes de que todas as aprendizagens são pessoais, nesta perspectiva, ninguém aprende sozinho (LIMA & COSME, 2018, p.67).

Todo o avanço ocorrido em relação a aprendizagem do estudante deve considerar suas particularidades, pois a criação de sentido sobre algo que lhe era estranho não ocorre de forma homogênea entre um estudante e outro. Essa é uma situação que exige - do docente - uma formação que possibilite a leitura de mundo do estudante mais consistente possível com sua realidade social, no intuito de embasar sua prática em consonância ao que se objetiva com ensino oferecido enquanto patrimônio cultural. Tanto “em Vygotsky e em Piaget, apesar de uma metodologia diferente, encontramos a idéia de que a conceitualização implica em um retorno reflexivo sobre a própria atividade, enfatiza a relação entre as propriedades do objeto e as propriedades da ação” (GROSSI, 2003, p.25) . Na transposição da etapa 2 para a etapa 3 representado na figura 1, esse cuidado é imprescindível para que a aprendizagem ocorra sem insinuar ao estudante a sensação de obrigatoriedade em aprender. Aprender deve partir de uma decisão individual do estudante e provocar a sensação de satisfação, não de obrigação. A zona experimental que permeia as etapas supracitadas compreende ao espaço processual de estabilidade prática do que se aprendeu até o momento e, consiste na valorização do progresso individual do estudante pelo esforço pretendido a nível satisfatório para si.

⁷ O historiador Peter Burke é conhecido por ter utilizado a expressão "do porão ao sótão" em sua obra "A Escola dos Annales" (1969) para descrever a mudança de perspectiva dos historiadores a partir do século XIX. Aqui utilizado por analogia para designar a criação de sentido em um processo dinâmico que, inclui a inserção de novos elementos que eleva o objeto de um extremo a outro no campo de validade.

Na zona experimental ocorre a testabilidade, sendo, portanto, uma fase de testes marcadas por tentativa e erro, onde ocorrerá os arranjos, a reorganização e a ressignificação do objeto de estudo dentro do espaço-mundo do estudante. “Assim, é o docente que estimula, negocia e cria condições, para que os alunos possam ser autônomos, capazes de utilizar e adaptar os instrumentos culturais, as informações e os procedimentos propostos, além de se tornarem críticos em relação ao mundo que os rodeia” (TRINDADE & COSME *Apud* LIMA & COSME, 2018, p.67). A autoaprendizagem possui uma necessidade processual de estar o estudante consciente dos objetivos pelo qual se pretende aprender determinado assunto, sendo, portanto, um processo convergido pela consciência individual.

À medida que o estudante se apropria do conhecimento produzido enquanto patrimônio cultural e passa a utilizá-lo em seu cotidiano, novas inquietações surgirão, provocando-o a buscar mais conhecimento acerca das possibilidades de aplicação do mesmo à sua vida prática e em consonância com seu repertório de experiências. A constante demanda de compreensão de mundo face as também constantes transformações que a sociedade mundial está submetida é o que faz da busca por conhecimento um processo contínuo e infundável. Esta inquietação para com o conhecimento necessário para compreender o sistema-mundo e as experiências concretas que a todo instante se desvalida que apreende o indivíduo na luta constante por novos conhecimentos.

Devemos considerar que, as transformações sociais são constantes e diversas. À vista disso, as instituições escolares possuem fundamental importância para a aproximação do sujeito aos anseios sociais que lhe conferem. “É interessante que, entre o normativo e o conceitual, encontramos o pragmático, ou seja, toda uma série de argumentos ligados às experiências de vida, às situações, aos exemplos” (GROSSI, 2003, p.35). A autoaprendizagem conduz esse processo de forma eficaz à medida que cada estudante constrói seu conhecimento a partir de sua própria visão de mundo, ou seja, não se corre o risco de promoção de um ensino esvaziado de sentido para sua compreensão de mundo. É nesse ponto de intersecção entre o que se aprende (teoria) e o que se ensina (prática) que se constrói o verdadeiro conhecimento; é dele que se origina o conhecimento carregado de sentido útil para o sujeito que as teorias emergentes objetivam.

Quando o estudante já possuir domínio sobre o objeto de estudo, principalmente sobre sua utilidade para a vida prática, o ciclo da práxis geracional do conhecimento por meio da autoaprendizagem estará completo para com este objeto.

Sabe-se que a aprendizagem não se esgota no ciclo representado na figura 1, pois não se trata de um sistema linear de aprendizagem. Por ser a sociedade dinâmica e estar em constante transformação, assim também se comporta o processo de aprendizagem. Resultado de um processo cíclico e de múltipla complexidade, muitas respostas que se pretende encontrar (novas inquietações) são resultantes das experiências anteriores (conhecimento consolidado) em face às transformações sociais intermediárias. Porém, já não se trata mais do mesmo objeto, tampouco do mesmo sujeito, pois, ambos já passaram pela transformação mútua do contato anterior. Assim, surge um novo objeto carente de adequação para a vida prática do novo sujeito que se converterá o estudante. A zona de aperfeiçoamento corresponde ao espaço de experiência e ao horizonte de expectativa⁸ do sujeito para com a novidade que se apresenta com uma nova configuração, ou seja, é a preparação físico-psíquica-emocional do estudante para, novamente, reiniciar o processo de aprendizagem descrito na figura 1.

Assim, optando o docente em manter-se numa postura de mediador no processo de ensino-aprendizagem, mas uma vez sua atuação será de extrema validade para o estudante, pois “considerando o professor como um mediador, [...] há muitos tipos possíveis de atos de mediação a que o professor pode recorrer. O primeiro ato [...] é a escolha de uma situação para os alunos” (GROSSI, 2003, p.36). Não se trata de diminuição da importância do papel do docente o comportamento como mediador, pois, a problematização da realidade do sujeito diante das suas dúvidas e incertezas é o valida a emergência de um ensino com foco na aprendizagem voltada a compreensão do espaço-mundo do estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora cada um desses teóricos tenha uma abordagem única para a aprendizagem e desenvolvimento humano, é possível encontrar pontos de convergência entre suas teorias em relação à concepção de autoaprendizagem.

Vygotsky enfatiza a importância do contexto social e cultural no desenvolvimento humano e na aprendizagem, argumentando que a aprendizagem ocorre em interações sociais e que o desenvolvimento é um processo contínuo e dinâmico que resulta da interação entre a

⁸ O conceito de "espaço de experiência" (Erfahrungsraum) e "horizonte de expectativa" (Erwartungshorizont) foram desenvolvidos pelo historiador alemão Reinhart Koselleck como uma forma de compreender como as pessoas experimentam e se relacionam com o tempo.

pessoa e seu ambiente. Segundo Vygotsky, a aprendizagem só pode ser considerada autoaprendizagem quando o indivíduo é capaz de internalizar e usar conceitos e estratégias aprendidos em situações sociais e culturais específicas.

Freire, por sua vez, destaca a importância da conscientização crítica e da participação ativa na aprendizagem. Para ele, a autoaprendizagem é um processo de reflexão crítica e ação transformadora, no qual o aprendiz é capaz de questionar o mundo ao seu redor e desenvolver sua própria compreensão e perspectiva sobre ele.

Já Piaget enfatiza a importância da construção ativa do conhecimento pelo aprendiz, argumentando que a aprendizagem é um processo de adaptação e acomodação à experiência. Para ele, a autoaprendizagem ocorre quando o aprendiz é capaz de explorar e manipular seu ambiente para construir conceitos e esquemas mentais que lhe permitam compreender o mundo ao seu redor.

Assim, pode-se dizer que a linha de tangência entre as teorias de Vygotsky, Freire e Piaget em relação à autoaprendizagem é a ênfase na importância da interação do indivíduo com seu ambiente, seja ele social, cultural ou físico, para a construção do conhecimento e do desenvolvimento humano. Além disso, todos esses teóricos reconhecem a importância da participação ativa e da reflexão crítica no processo de aprendizagem.

Considerando a análise teórica das abordagens de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Jean Piaget, é possível constatar que a autoaprendizagem é uma forma emergente de ensino que se destaca na contemporaneidade, pois coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem. A partir dessa perspectiva, os educadores devem ter a consciência de que a aprendizagem é um processo socialmente construído e que se desenvolve a partir das experiências e interações que o aluno tem com o meio e com outros indivíduos.

Nesse sentido, é necessário que os professores adotem uma postura mais dialógica e menos autoritária, de modo a estimular a participação ativa do aluno em sua própria aprendizagem. Ademais, é importante que sejam utilizadas metodologias de ensino que permitam o desenvolvimento de habilidades de autoaprendizagem, como a resolução de problemas, o trabalho em grupo, o desenvolvimento de projetos, entre outras.

Por fim, é preciso destacar que a adoção da autoaprendizagem como modelo de ensino exige uma mudança de paradigma por parte dos educadores, pois implica em uma postura mais flexível e aberta a mudanças, em contraponto ao modelo de ensino tradicional centrado no professor. Entretanto, acreditamos que, ao adotar essa perspectiva, é possível formar

indivíduos mais autônomos e críticos, capazes de lidar com as demandas de uma sociedade em constante transformação.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. Campinas: UNICAMP, 1991.

CARRASCO, German Doin. **A educação proibida**. Argentina: Distribuidora internacional, 2012. 145 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-1Y9OqSJKCc>. Acesso em: 20 fev. 2023.

DWECK, Carol S. **Mindset: A nova psicologia do sucesso**. Objetiva, 2017.

EDUCATION, Pearson Higher. **Autoaprendizagem: 5 coisas que você não sabia e como isso influencia seus alunos**. Disponível em: <https://hed.pearson.com.br/blog/higher-education/autoaprendizagem-coisas-que-voce-nao-sabia-e-como-influencia-seus-alunos#:~:text=A%20autoaprendizagem%20%C3%A9%20uma%20estrat%C3%A9gia,condi%C3%A7%C3%B5es%20impostas%20pelo%20ambiente%20educacional>. Acesso em: 20 de fev. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. 8^a. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GROSSI, Esther Pillar (org.). **Por que ainda há quem não aprende? : A teoria**. Petrópolis: Vozes, 2003.

HARARI, Yuval N. **21 Lições Para o Século 21**. [S.l.]: Companhia das Letras, 2018.

KOSELLECK, Reinhart. **Futures Past: On the Semantics of Historical Time**. New York: Columbia University Press, 2002.

LIMA, Louise; COSME, Ariana. **Desafios da formação de professores num contexto de mudança paradigmática na educação**. REVISTA INTERSABERES, [S. l.], v. 13, n. 28, p. 65–76, 2018. DOI: 10.22169/revint.v13i28.1406. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1406>. Acesso em: 18 fev. 2023.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, F. J. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Campinas:UNICAMP, 1995.

PIAGET, Jean. **To understand is to invent**: The future of education. New York: Grossman Publishers, 1973.

VYGOTSKY, Lev S. **Mind in society**: The development of higher psychological processes. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

Recebido para publicação em março de 2023.
Aprovado para publicação em dezembro de 2023.